

A CLAUSURA DA ROSA. BREVES NOTAS.

<https://doi.org/10.21747/0873-1233/spi32not>

Este 32.º volume da *Via Spiritus* congrega uma primeira fase de resultados do Projeto de Investigação em todos os domínios científicos, intitulado «Musas na Clausura. A obra poética de Violante do Céu: Literatura, música e espiritualidade no Mosteiro da Rosa de Lisboa», financiado pela FCT, com a referência 2022.08369.PTDC. Ele resulta do congresso internacional realizado na FLUP em 19 de fevereiro de 2025 com os investigadores do projeto, alargado então, também, a investigadores externos, jovens e *seniores*, que a ele quiseram juntar-se.

São diversas as áreas de interesse que o estudo de um determinado mosteiro pode suscitar, sobretudo se as cruzarmos entre si, para uma leitura mais fina e transversal da realidade monástica feminina da Idade Moderna, sobre a qual se sabe muito menos do que sobre os cenóbios da Idade Média. Muito importa, pois, interrogar os documentos e textos produzidos por ou sobre essa clausura, que viveu tempos de grandes mudanças e adaptações, após o Concílio de Trento. Em rigor, o século XVII (no qual nasceu e morreu Soror Violante do Céu, que o atravessou ao longo dos seus 86 anos de vida) foi o período em que as casas monásticas femininas, entretanto reorganizadas e adaptadas às determinações saídas dos documentos conciliares, viveram um tempo de forte dinamismo espiritual e artístico, colocando-se ao serviço da Contrarreforma, como sinal vívido de uma espiritualidade renovada e afirmativa.

O nosso empenho no mosteiro de Nossa Senhora do Rosário de Lisboa resulta do facto de nele se ter distinguido a religiosa Soror Violante do Céu, conhecida em toda a cidade pelas suas capacidades poéticas, que extravasaram não só os muros do mosteiro como as fronteiras do país. Efetivamente, a sua participação com poemas laudatórios nos preliminares de obras de vários autores não se restringiu a obras de autores portugueses, tendo a sua colaboração sido solicitada desde muito cedo para obras publicadas em Espanha, quer nos *Avisos para la muerte*, de Luis Ramírez de Arellano, logo em 1634, quer, por exemplo, na *Fama póstuma a la vida y muerte del doctor Frey Lope Félix de Vega y Carpio*, obra editada em 1636, que congregou o contributo dos poetas de maior renome, na homenagem a Lope de Vega.

O registo da morte de Violante do Céu, que a seguir se publica, refere-se à religiosa como “o mais célebre entendimento de Portugal”, que uniu “com singularidade o poético com o espiritual”. E assinala a forma com Violante do Céu dignificou a Ordem de S. Domingos e, particularmente, o mosteiro em que foi professa, ao descrevê-la como “diadema do mosteiro da Rosa, mais cintilante

raio da estrela domínica”. O estudo da obra de Violante do Céu – cuja reedição, na sua totalidade, se anuncia já para os primeiros meses de 2026 – não poderia, pois, processar-se à margem do mosteiro em que professou.

O mosteiro da Rosa – nome simplificado pelo qual o mosteiro de Nossa Senhora do Rosário sempre foi conhecido, logo desde a sua fundação – foi uma das casas religiosas de Lisboa que mais vicissitudes sofreram, devido a incêndios, a alguns tremores de terra e, mais tarde, ao grande terramoto de 1755. A sua documentação, hoje proveniente em larga medida do mosteiro de Santa Joana de Lisboa, ao qual a comunidade da Rosa se havia agregado por determinação régia, logo após o terramoto, é escassa, desaparecida ao longo desses acidentes que foram destruindo o património literário, artístico e arquitetónico do mosteiro.

Reconstituir, pois, o que terá sido a dinâmica espiritual, artística e cultural desta casa dominicana, partindo da figura fulcral de Soror Violante do Céu, foi o que nos moveu, na construção deste projeto de investigação, mesmo sabendo que abraçávamos desafios grandes. Por isso, o projeto adotou uma vertente fortemente interdisciplinar, de forma a criar ângulos e perspetivas de observação que permitam passar além da pedra que resta do mosteiro, iluminando sombras. Assim, para que os vilancicos que se leem no *Parnaso Lusitano* possam reviver também hoje a mesma dimensão umbilical e indissociável que então mantinham com a música e o canto, a equipa integrou especialistas em música antiga e canto, para possibilitar a inteireza da leitura e o encontro com o tempo. É já possível, neste volume da revista, aceder a uma parte do encanto que nos tem acompanhado nesta investigação, através do artigo de Magna Ferreira e do acesso ao link em que se disponibiliza a gravação de um vilancico de Violante do Céu, na configuração mais próxima possível do que terá sido a sua execução na igreja do Mosteiro da Rosa.

Resta agradecer a toda a equipa de investigadores o entusiasmo, o empenho e o esforço que têm colocado no desenvolvimento deste projeto e desejar que a leitura deste número da *Via Spiritus* seja estímulo para a construção de outros projetos e de novos diálogos entre saberes.

Isabel Morujão

Universidade do Porto/FLUP/CITCEM

(UID/04059/2025)<https://doi.org/10.54499/UID/04059/2025>

FCT Projeto MOISTER (Referência 2022.08369.PTDC)

Lm 28 de Jano de 1693 se-
-non Dez ormas celebre Entendimen-
to de Portugal, sujeito propriam^{te} domi-
nico, porq^e Estrella no misterio igualm^{te}
q^e no elevado: o qual vindo com singu-
larid^e goetico com o Espiritual soube en-
tender os mesmos g^ostos q^e admiras, Cy-
ne catolico, cujos ultimos accozos da vida
fo^o raios da divindad: Dilemna Nacional
Emp^o de qualq^uer valentes q^e vives, Cos Espiri-
tos q^e Invencao. Melhor M^ota do Espiri-
to q^e Verificou moribunda es ternuras q^e era
sinou quando vinda. Por Synonimo de tudo
q^e temer d^o - sero Violante do Ceo - Sto
Capitula mag^e diadema do Moste da d^oza,
mais Scintillante Rayo da Estrella domini-
ca, toda galuciana do Ceo ainha^o Violante
da na terra.

[Handwritten signature]

Livro do número das religiosas deste convento da Rosa da Ordem dos Pregadores da cidade de Lisboa, feito no ano de 1627 e de novo fielmente trasladado para se pôr em forma, sendo priora (...) a Muito Reverenda Madre Maria do Sacramento no ano de 1699. Contém o nome das religiosas do número, das supranumerárias e defuntas. Copyright Arquivo Nacional da Torre do Tombo.